



O MATERIALISMO FRÁGIL: CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO E AO MATERIALISMO DE ŽIŽEK

LEONARDO DOMINGOS BRAGA DA SILVA¹

RESUMO: O artigo analisa a crítica de Slavoj Žižek ao construtivismo contemporâneo e sua proposta de reabilitar o materialismo dialético, integrando influências da psicanálise lacaniana e da filosofia hegeliana. Žižek rejeita o relativismo cultural e o idealismo transcendental, argumentando que a realidade é mediada por uma subjetividade que interage com o Real (conceito lacaniano), um núcleo traumático e inapreensível. Sua visão do materialismo redefine a matéria como um processo dinâmico de negação e incompletude, enfatizando a paralaxe (a divisão estrutural entre perspectivas) como constitutiva da realidade. Contudo, críticos, bem como este artigo, apontam ambiguidades em sua abordagem, questionando se ela supera de fato o construtivismo ou recai em um idealismo disfarçado, especialmente pela ênfase no simbólico e na subjetividade. O artigo também discute as limitações da interpretação de Žižek sobre conceitos científicos (como a física quântica) e sua aproximação controversa com o marxismo clássico, destacando tensões entre materialismo e idealismo em sua ontologia.

PALAVRAS-CHAVE: Materialismo Dialético, Construtivismo, Realismo.

ABSTRACT: This article analyzes Slavoj Žižek's critique of contemporary constructivism and his proposal to rehabilitate dialectical materialism, integrating influences from Lacanian psychoanalysis and Hegelian philosophy. Žižek rejects cultural relativism and transcendental idealism, arguing that reality is mediated by a subjectivity that interacts with the Real (a Lacanian concept), a traumatic and elusive core. His vision of materialism redefines matter as a dynamic process of negation and incompleteness, emphasizing parallax (the structural division between perspectives) as constitutive of reality. However, critics, as well as this article, point out ambiguities in his approach, questioning whether it actually overcomes constructivism or falls into a disguised idealism, especially due to its emphasis on the symbolic and subjectivity. The article also discusses the limitations of Žižek's interpretation of scientific concepts (such as quantum physics) and his controversial approach to classical Marxism, highlighting between materialism and idealism in his ontology.

KEYWORDS: Dialectical Materialism, constructivism, realism.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: leonardexistimans@gmail.com.

1. Introdução

Neste artigo exploramos a crítica incisiva de Slavoj Žižek ao construtivismo contemporâneo e sua proposta de uma reabilitação do materialismo através de uma perspectiva dialética. Tal crítica ao construtivismo centra-se na ideia de que as noções universais enfrentam um dilema fundamental: ou são consideradas contingentes, o que leva ao relativismo cultural, ou são vistas como necessárias, o que desemboca no transcendentalismo kantiano. Em ambos os casos, persiste uma cisão irremediável entre nossas categorias universais e a realidade externa.

Žižek propõe uma solução que busca evitar tanto o relativismo quanto o idealismo transcendental ao afirmar que a realidade é sempre mediada por uma subjetividade que a estrutura através de atos de síntese, em tensão constante com o Real inapreensível. O materialismo, para ele, “significa que a realidade que vejo nunca é 'inteira' - não porque grande parte dela me escapa, mas porque ela contém uma mancha, ponto obscuro, que indica minha inclusão nela” (Žižek, 2008, p.32). Essa reflexão revela uma abordagem que não apenas reconhece a incompletude do conhecimento humano, mas também a inevitável subjetividade que marca a nossa relação com a realidade. Apesar disso, discutiremos as críticas e os desafios lógicos que sua proposta enfrenta e apontaremos uma insuficiência em superar o construtivismo. Ao final, refletiremos sobre a relevância e as limitações de sua abordagem para o pensamento materialista contemporâneo.

Embora críticas ao pensamento político de Žižek sejam comuns, não é tão comum que se vá a fundo na sua ontologia. Por exemplo, Losurdo (2018) diz que “o ponto de vista de Žižek não diverge da autoconsciência das classes dominantes na Europa e nos Estados Unidos” (p. 168) ou comenta seu desdém “pela luta anti-imperialista, que cometeria o erro de desviar da tarefa de derrotar o capitalismo” (p. 210). Também Gabriel Rockhill (2023) critica Žižek pela sua análise política, indo um pouco mais fundo que Losurdo e tentando enxergar no materialismo (ou idealismo transcendental) de Žižek uma das fontes do problema:

Slavoj Žižek, como Alain Badiou, não é um materialista-histórico. Nenhum desses filósofos se engaja em análises rigorosas da história material e concreta do capitalismo e do movimento socialista mundial; eles evitam a seriedade da economia política em favor da discussão sobre elementos superestruturais e produtos do aparato burguês capitalista. Ambos se satisfazem com uma abordagem filosófica idealista que privilegia ideias e discursos e são metafísicos pois defendem uma crença anticientífica na superstição.

Um exemplo também dos problemas da leitura da história está no artigo de Žižek *Is Abstract Labor Universal?* Žižek (2020) interpreta de maneira que nos parece inadequada o conceito de ruptura metabólica, introduzido por Karl Marx (1976) para descrever a desconexão

entre os seres humanos e a natureza causada pelo capitalismo. Em vez de atribuir essa ruptura às dinâmicas intrínsecas do sistema capitalista, Žižek a relaciona ao conceito psicanalítico do Grande Outro, uma entidade simbólica que representa a totalidade da ordem social (em que se está inserido) e suas expectativas. Essa interpretação pode ser lida como um retorno do idealismo recalcado, pois desloca a causa material da ruptura para uma esfera simbólica, desviando o foco das relações materiais de produção que Marx identificou como centrais para a compreensão das crises ecológicas no capitalismo. Estaria em sua ontologia a raiz dessas abordagens polêmicas do autor? Este artigo inicia essa discussão apontando elementos para investigações futuras. Ao fazer isso, buscamos contribuir para um debate mais amplo sobre a natureza do materialismo na filosofia contemporânea e sua relevância para a compreensão das complexas relações entre sujeito, sociedade e natureza.

2. A crítica ao construtivismo

Primeiro devemos observar que Žižek expõe de maneira clara os impasses que ele identifica na filosofia contemporânea, do qual trataremos, ao abordar a questão da universalidade dos conceitos. Para ele, as noções universais enfrentam um dilema fundamental: ou são consideradas contingentes, o que conduz ao relativismo cultural, ou são tomadas como necessárias, o que leva ao transcendentalismo kantiano. Em ambos os casos, mantém-se uma cisão irremediável entre nossas categorias universais e a realidade externa. Como resultado, essa ruptura com o realismo aristotélico pode desembocar em três concepções distintas, tanto no campo epistemológico quanto no ontológico:

essas noções universais ou bem são contingentes (o que abre caminho para o relativismo cultural) ou são necessárias (o que abre caminho para o transcendentalismo kantiano), em ambos os casos, a lacuna entre nossas noções universais e a realidade externa é intransponível. Podemos ver agora como a mesma lacuna, a mesma ruptura com o realismo aristotélico, pode levar a três posições epistemológicas e ontológicas diferentes: (1) absolutismo ontológico dogmático da verdade (a verdade é diretamente acessível à nossa mente); (2) relativismo histórico e cultural (a verdade é um construto cultural contingente); (3) subjetivismo transcendental (existe uma verdade universal necessária a priori, mas é a verdade do sujeito transcendental que estrutura nosso acesso à realidade, não a verdade da realidade ela mesma) (Žižek, 2019, p. 167).

O ponto central da análise de Žižek é que há sempre uma percepção da lacuna entre os conceitos que o sujeito emprega e a realidade externa. Para lidar com esse problema, as respostas filosóficas geralmente seguem dois caminhos: ou se afirma uma realidade absoluta e permanente em oposição aos conceitos que são vistos como construções contingentes ou se postula uma correspondência perfeita entre conceitos e realidade.

O construtivismo argumenta que os critérios de validade, os modos de justificação e os próprios objetos do conhecimento são profundamente determinados pelas práticas cognitivas e sociais dos agentes. Essa perspectiva é contrastada com o realismo tradicional (no qual encaixaria Lenin, 1982²), que sustenta que o conhecimento consiste em representar ou corresponder a um mundo independente dos nossos processos de cognição; ou seja, o conhecimento não seria simplesmente o resultado de processos de construção social ou mental, mas uma representação, ainda que imperfeita, de um mundo que existe por si só. Essa postura se baseia na ideia de que os enunciados e teorias científicas têm, potencialmente, a capacidade de corresponder à estrutura fática do mundo, adotando, em muitos casos, uma perspectiva de correspondência entre crenças e realidade. O realismo epistemológico postula que o conhecimento é descoberto, refletindo um mundo objetivo que está lá para ser conhecido, enquanto o construtivismo argumenta que o conhecimento é inventado ou construído, sendo moldado ativamente pela mente no processo de conhecer. Não à toa, o construtivismo anda junto com o pós-modernismo:

O relativismo pós-moderno é exatamente o pensamento da irredutível multitude de palavras, cada uma delas sustentada por um jogo de linguagem específico, de modo que cada mundo “é” a narrativa que seus membros contam para si mesmos sobre si mesmos, sem nenhum terreno compartilhado, nenhuma linguagem comum; e o problema da verdade é como estabelecer algo que – para usar os termos conhecidos na lógica modal – permaneça o mesmo em todos os mundos possíveis. (Žižek, 2013, p.216)

De acordo com o autor, o pós-modernismo, entendido como movimento filosófico e cultural, representa uma tentativa de eliminar a metafísica, sustentando a ideia de que vivemos em uma era pós-metafísica, marcada pelo abandono da crença em uma realidade subjacente às aparências (algo que, paradoxalmente, o próprio autor endossa ao afirmar que não há nada além das aparências). Nesse contexto, apenas as narrativas importam e nada pode transcender esse nível discursivo. Além disso, ele destaca que o pós-modernismo se fundamenta fortemente no construtivismo, que sustenta que não há realidade relevante além dos jogos de linguagem e das discursividades, reduzindo-se, em última instância, a uma conversação autorreferencial sobre a própria humanidade; em contraste com a metafísica, que pressupõe a existência de algo que dá suporte ao ser.

Quadflieg (2021), em um artigo que se propõe a pensar a paralaxe (i.e., perspectivas que expressam uma diferença inerente ao objeto), afirma que a solução para evitar tanto a queda no

² Também Lukacs (1979) adota, embora de maneira refinada, a teoria do reflexo de Lenin. Ele entende que a verdadeira correção do pensamento não reside na simples reprodução da realidade como ela se apresenta, mas na capacidade de captar o dinamismo do mundo.

subjetivismo e no construtivismo quanto a adesão a um realismo ingênuo passa pelo pensamento de Theodor Adorno, pois a sua dialética negativa operaria como uma crítica à ontologia centrada no sujeito, o que demonstraria que o princípio de identidade é contraditório e enraizado no modo de vida de uma sociedade específica (capitalismo) cuja estrutura se baseia na troca de equivalentes, na qual todas as mercadorias podem ser reduzidas a um valor comum de troca. Curiosamente, essa herança do marxismo que critica a epistemologia a partir da análise social tornou-se influente em círculos de epistemologia feminista e no próprio pós-modernismo, o que pode enfraquecer a tentativa de se afastar dessa abordagem.

Para romper com essa armadilha, Quadflieg propõe um foco no objeto, sem, no entanto, regressar a um realismo puro. Sua proposta inverte a noção idealista de que o mundo é mera representação de um sujeito: ainda que Žižek fale da loucura primordial da noite do mundo, a existência do sujeito e do objeto implica uma diferença essencial entre ambos. Essa diferença, essa barra que os separa, é assimétrica - o sujeito sempre pressupõe o objeto, pois ser é estar no mundo, enquanto os objetos não necessitam do sujeito para existir. Além disso, o fato de que um objeto precise ser pensado para ser conhecido não implica que ele seja produzido pelo pensamento. Essa perspectiva fortalece a crítica ao construtivismo abordada por Quadflieg e conecta-se à necessidade de uma alternativa filosófica que vá além do pós-modernismo sem cair em um realismo ingênuo. Ela também ressoa com a posição de Žižek, que, apesar de reconhecer a dimensão subjetiva da realidade, rejeita a ideia de que tudo se reduz à discursividade ou ao construtivismo radical.

Veremos agora o que Zizek propõe no lugar do construtivismo.

3. O Materialismo Dialético em Žižek

Além das dificuldades céticas e epistêmicas associadas à noção de coisa em si, há outra razão fundamental para sua rejeição, bem explicitada por Adrian Johnston em *A New German Idealism* (2018): a liberdade. Se, como Kant sugere, o mundo númenal estiver sujeito a algo análogo à categoria de causalidade, então não haverá espaço para a liberdade: tudo já estaria determinado ainda que o sujeito finito não pudesse conhecer tais determinações. Ao rejeitar (ou, como defende Žižek, reformular) o conceito de Ding an sich, abre-se espaço para a liberdade, pois elimina-se a identificação entre sujeito númenal e coisa em si. No entanto, essa rejeição gera um outro efeito, como aponta Johnston: com a reconstrução žižekiana da subjetividade fichteana, o que resta “é apenas o plano solitário de múltiplos fenômenos diferentes e a negatividade cinética da (auto)posição da subjetividade interna a esse mesmo

plano” (Ibidem, p.157, tradução nossa). Ou seja, ao descartar a coisa em si, ficamos com um domínio puramente fenomenal, estruturado pela negatividade. Segundo Johnston, o sujeito žižekiano está tão intrinsecamente vinculado às aparências que não pode ser identificado com o sujeito númeral kantiano, cuja essência residiria para além das aparências.

Por isso, para que a defesa da liberdade seja coerente, é necessário a Žižek ir além da mera rejeição da coisa em si e adotar uma perspectiva hegeliana, na qual a subjetividade e a aparência não apenas se autopõem, mas devem ser compreendidas como momentos de uma substância. Em outras palavras, a subjetividade não pode ser pensada como um princípio autônomo separado da estrutura do real, mas como parte de um processo dialético no qual o sujeito e a substância se determinam mutuamente.

A retomada que Žižek faz do problema da coisa em si não se depara com as elaborações da Crítica da Razão Pura de Kant (2015) enquanto epistemólogo: “o pecado original da modernidade é a primazia cartesiana da epistemologia sobre a ontologia: [a qual crê que] antes de começar a conhecer a realidade, é preciso averiguar a fundação do nosso conhecimento, seus métodos e sua confiabilidade.” (Žižek, 2019, p.168). Segundo Žižek, essa epistemologia opera, na verdade, como uma ontologia subjetivista, pois “baseando a (nossa noção de) realidade objetiva no modo como o sujeito a aborda” (Ibidem, p.168), acaba por transformar a estrutura do conhecimento em uma estrutura do ser. Assim, a ênfase no sujeito não pode assumir a forma tradicional da abordagem epistemológica. Mas, então, que forma ela assume?

Em *A Visão em Paralaxe*, Žižek (2008) subverte a noção kantiana da coisa em si, reinterpretando-a não como um objeto transcendente e inacessível, mas como uma negatividade constitutiva inscrita no cerne da realidade fenomênica. Para ele a coisa em si não está além das aparências, mas opera como o objeto lacaniano (um vazio estruturante que, paradoxalmente, se identifica com o próprio sujeito transcendental, funcionando como causa do desejo e motor da dialética). Isso implicaria, para o autor, que a realidade não é um dado objetivo prévio, mas sempre mediada por uma subjetividade que a estrutura através de atos de síntese, não passivamente, mas em tensão com o Real inapreensível. Enquanto para o materialismo tradicional a matéria é um substrato último (átomos, energia, etc), para Žižek, ela é o processo de negação que impede a clausura do sentido e é marcada pela incompletude, algo que ele aprofunda em *Menos que Nada* (2013).

Žižek propõe, assim, um materialismo radicalmente distinto: longe de afirmar a primazia de uma substância material estática, seu projeto filosófico reside em reconhecer que a matéria é (constituída por), em última instância, um vazio dinâmico, uma falta que desestabiliza

toda totalidade. Enquanto o materialismo tradicional pressupõe uma realidade sólida e autossuficiente, Žižek a redefine como um campo de antagonismos onde a própria ausência (o Real lacaniano) atua como fundamento material. Essa inversão, pensa o autor, não nega a materialidade, mas a situa na dialética entre o simbólico (as construções sociais) e o Real (o trauma irreduzível), recusando-se a separar sujeito e objeto como entidades ontologicamente autônomas.

Ele critica Lacan por essa posição:

Mesmo Lacan (na maior parte de seu ensino, pelo menos) se opõe rigidamente ao real positivo dos objetos naturais nos quais “nada está faltando” e à ordem simbólica fundada na falta e na negatividade; e, da maneira transcendental mais tradicional, ele insiste que o círculo transcendental é insuperável - estamos presos nele, tudo o que percebemos como seu exterior já é sobredeterminado pela totalidade simbólica. (Žižek, 2020a, p. 30, tradução nossa)

No trecho citado, Žižek critica a posição lacaniana de que estamos irremediavelmente capturados na ordem simbólica, onde tudo o que percebemos como seu exterior já está sobredeterminado por essa mesma ordem. Essa perspectiva, segundo ele, reflete um transcendentalismo tradicional que insiste na insuperabilidade do círculo transcendental. Mas coloca no lugar algo não muito superior:

o campo da política não pode ser totalizado, “não há relação de classes”, não existe uma metalinguagem na qual possamos descrever “objetivamente” todo o campo político, ou seja, toda descrição desse tipo já é parcial (por exemplo, esquerda e direita não são apenas duas opções dentro de um campo, mas duas visões diferentes do campo inteiro, e não há uma maneira neutra de descrever como o campo “realmente é” - a diferença que o constitui é o impossível/real de um antagonismo). (Žižek, 2013, p.343)

A noção de que o entendimento projeta o sujeito na e enquanto coisa em si sem que esta tenha outro correspondente na realidade além do próprio sujeito parece, à primeira vista, uma tese idealista, pois acaba por identificar a coisa em si com o sujeito. Para Žižek, essa identificação tem um significado específico: a coisa em si corresponde ao objeto lacaniano, que designa um aspecto virtual do sujeito; uma virtualidade, contudo, que possui eficácia real, operando como um atrator e causador do desejo. Embora tal formulação pareça paradoxal, ao atribuir causalidade à coisa em si (a qual, segundo Kant, estaria além das categorias), Žižek argumenta que essa causalidade não deve ser compreendida em termos tradicionais.

Conforme Lacan:

Esse real de que estou falando, o discurso analítico é a conta certa para nos lembrar que o acesso a ele é o simbólico. Não acessamos o referido real senão no e através do impossível que somente o simbólico define. Volto ao nível da História natural, de Plínio. Não vejo o que diferencia o unicórnio de qualquer outro animal, este perfeitamente existente na ordem natural. A perspectiva que interroga o real em certa direção ordena-nos a enunciar as coisas dessa maneira. (Lacan, 2012, p. 136).

Essa passagem destaca que o real, embora seja a base objetiva do nosso conhecimento, só é acessível mediado pelo simbólico, ou seja, pelas estruturas de linguagem, cultura e representação que moldam nossa percepção.

Ao afirmar que a coisa em si é o objeto lacaniano, Žižek destaca a inserção do percipiens no perceptum, ou seja, o encontro paradoxal da consciência consigo mesma dentro dos objetos de sua percepção. Um exemplo oferecido pelo próprio Žižek (2013) ilustra esse fenômeno: alguém observa uma casa e, subitamente, tem a sensação de que a casa o está observando. Esse olhar, no entanto, não é exatamente uma percepção empírica, mas uma dedução imediata que revela a presença de um olhar virtual, embora eficaz. Žižek argumenta que esse olhar não é o olhar do superego, nem o do grande Outro simbólico, mas um olhar descorporificado (um objeto parcial, virtual e suposto) que se alinha ao conceito de sujeito transcendental kantiano reinterpretado por Hegel e Lacan.

Assim, o que o sujeito encontra além das aparências não é um fundamento independente delas, mas o fundamento do próprio encontro entre sujeito e aparências: a fantasia. Žižek busca esclarecer esse ponto não por meio da fenomenologia ou de deduções sobre a percepção, mas pelo conceito lacaniano de fantasia. A partir disso, ele propõe uma leitura de Kant através de Lacan, equiparando a fantasia ao esquematismo transcendental kantiano. Isso enfatiza o caráter irracional do humano, pois a fantasia opera como uma moldura que apresenta a realidade e, ao mesmo tempo, é parte da própria realidade. Tal estrutura, na qual os fenômenos aparecem e se articulam, permanece opaca ao sujeito, o que reforça a ideia de que o sujeito transcendental é virtual-efetivo.

Essa estruturação só é possível porque ele entende a matéria não é fundamentalmente completa - o que, afirma Žižek (2013), ressoa com a formulação de Demócrito, segundo a qual tudo é composto por átomos e vazio. Em outras palavras, não há uma totalidade acessível que permita uma narrativa única e fechada sobre a realidade, não apenas por causa da finitude humana, mas também devido à incompletude da própria realidade. Dessa forma, a diversidade de narrativas e as diferenças entre elas constituem o Saber Absoluto, não no sentido de um saber divino e totalizante, mas como uma estrutura aberta e contraditória, sempre em movimento.

A passagem citada sobre o campo da política ilustra bem esse ponto: ao afirmar que “não há metalinguagem”, Žižek acredita não estar simplesmente decretando o relativismo ou a impossibilidade de um ponto de vista objetivo. Ao contrário, ele mostra que as diferentes perspectivas políticas não são apenas descrições concorrentes dentro de um campo neutro, mas cada uma delas estrutura o próprio campo de forma diferente. Assim, a paralaxe Žižekiana não

implica apenas uma pluralidade de discursos parciais e inconciliáveis, mas também que há, virtualmente, dois todos: duas versões do mesmo objeto, dividido por sua própria estrutura interna.

Isso leva à questão crucial sobre a relação entre a inconsistência conceitual e a realidade objetiva. Žižek insiste que não podemos distinguir com clareza se uma inconsistência vem do objeto ou do nosso conceito dele, mas sua tese fundamental é que a própria realidade carrega uma negatividade constitutiva. Esse é o motivo pelo qual ele coloca aspas na expressão “coisa em si”: ele não a entende como a coisa em si kantiana, transcendentalmente necessária para o fenômeno, nem como uma coisa em si independente do sujeito. O que Žižek propõe é uma inversão dialética: aquilo que parece ser apenas um limite do nosso pensamento (a incapacidade de reconciliar diferentes aspectos de um objeto) não é apenas uma limitação epistêmica, mas sim um traço da própria realidade.

Essa concepção, pensa o autor, rejeita o empirismo ingênuo, segundo o qual a abstração é sempre um distanciamento da riqueza sensível da realidade concreta. Para Žižek, a própria realidade contém contradições estruturais e a atividade do pensamento filosófico não é meramente uma operação cognitiva, mas um reflexo dessas contradições imanentes ao real. Isso fica claro em sua análise do sujeito: a tensão entre ser um indivíduo particular e um sujeito universal não é uma mera ilusão ou um efeito da linguagem, mas algo constitutivo da própria subjetividade. O sujeito abstrato moderno não é uma mera ficção ideológica; é um modo de ser real, inscrito na estrutura do mundo.

Dessa forma, a paralaxe e a negatividade não são apenas métodos de análise, mas expressões da própria verdade do saber absoluto. Esse é o ponto onde Žižek se distingue dos pós-modernos: ele não se contenta em diagnosticar a impossibilidade de uma metanarrativa, mas insiste que essa impossibilidade já está inscrita no próprio real, tornando possível um novo tipo de universalidade: uma que é negativamente determinada, que se funda na impossibilidade de fechamento do sistema.

A paralaxe ajuda a explicar tanto a relação intersubjetiva quanto os desencontros de interpretação diante de um objeto sobre o qual projetamos nossos desejos. No entanto, sua ambição vai além disso: ela busca demonstrar como a perspectiva do sujeito pode revelar uma cisão interna no próprio objeto. Por exemplo, em uma diferença de interpretação de uma bandeira (para um significando paz, para outro guerra) temos apenas dois significados atribuídos a um mesmo objeto, sem que isso implique necessariamente uma divisão no próprio objeto. Se o objeto for apenas material, então a atribuição de múltiplos significados não implica

necessariamente em sua divisão interna; se, por outro lado, o objeto é uma construção intersubjetiva, a pluralidade de interpretações pode refletir entidades distintas. Outro exemplo muito usado por Žižek (2013) é a diferença de apresentação de uma mesma tribo por diferentes pessoas (pertencentes a diferentes posições na divisão do trabalho), a maneira como cada grupo os interpreta pode refletir ou até mesmo influenciar a organização espacial da comunidade. Assim, há dois objetos distintos (as duas tribos), mas isso ocorre porque “tribo” é, em si, uma entidade intersubjetiva exteriorizada.

Isso mostra que nem toda divergência sobre um objeto envolve um fenômeno de paralaxe. Como determinar quando isso acontece? A resposta do autor pode parecer vaga, mas aponta um caminho: devemos nos atentar aos pontos de impossibilidade. Na ciência, por exemplo, esses pontos se manifestam quando determinados cálculos encontram um limite insuperável, levando à necessidade de introduzir novos conceitos, como energia, evolução ou o bóson de Higgs. A ideia de ponto de impossibilidade é central ao argumento, mas sua delimitação conceitual é insuficiente. Enquanto na ciência os limites operacionais (como a impossibilidade de cálculos precisos) levam, eventualmente, à necessidade de novos conceitos, essa dinâmica pode não se replicar em outros campos, como os debates culturais ou políticos, onde a divergência pode ter raízes históricas, ideológicas ou epistemológicas que não se resumem a impossibilidades objetivas. A pluralidade de teorias pode resultar de abordagens epistemológicas distintas que, cada uma, iluminam aspectos variados do objeto estudado.

Žižek (2013) ilustra essa ideia com o caso da dualidade onda-partícula na física quântica. Dependendo do experimento realizado, a matéria se manifesta ora como partícula, ora como onda. Esse fenômeno pode ser interpretado de duas maneiras: ou há uma lacuna nas teorias e experimentos, deixando algo de fora (como no exemplo da bandeira), ou a própria matéria possui uma cisão interna, que se expressa nessas perspectivas distintas (como no caso das tribos). O exemplo da mecânica quântica parece indicar um caso claro de cisão no objeto que gera uma divisão na perspectiva do sujeito: ao mudar o método de medição e o registro da pergunta (o elétron se comporta como onda ou como partícula?), altera-se o próprio comportamento do que está sendo medido. Já no caso da bandeira que foi interpretada erroneamente, não há qualquer indeterminação inerente ao objeto que tenha causado a incerteza na visão do sujeito, afinal a bandeira é um artefato simbólico que está determinado conforme a cultura do indivíduo.

Por fim, permanece em aberto a questão de como um materialismo transcendental pode incorporar a paralaxe de duas formas: (a) considerando a coisa em si como um Real cindido e

(b) entendendo a coisa em si como independente do sujeito. Além disso, se o conceito de Real está atrelado à falha do sujeito e de sua linguagem, ele pode parecer contrário a uma ontologia realista compatível com as ciências: “a realidade material é em si um sinal de imperfeição. Nesse sentido, para Hegel a verdade de uma proposição é inerentemente conceitual, determinada pelo conteúdo conceitual imanente, e não uma questão de comparação entre conceito e realidade” (Žižek, 2013, p. 255); Žižek sugere que a paralaxe, sendo o próprio Real, é de certa forma o princípio gerador da matéria. Em outras palavras, ele propõe que a curvatura do espaço sobre si mesmo (semelhante à estrutura de uma banda de Möbius) dá origem à materialidade. No entanto, ele não esclarece exatamente que tipo de espaço está em jogo nessa formulação.

Como reforço da impressão de que essa abordagem pode não ser compatível com o realismo científico, temos Lacan: “A ciência estava bem posicionada para servir de objeto último à paixão pela verdade, despertando no vulgo a prostração diante do novo ídolo que chamou de cientificismo e, no letrado, esse eterno pedantismo que, por ignorar o quanto sua verdade é relativa às muralhas de sua torre, mutila o que do real lhe é dado a apreender” (Lacan, 1998, p. 83). Lacan enfatiza que os métodos e conceitos científicos possuem limites internos que definem o que pode ou não ser conhecido. Essa visão critica a pretensão de que a ciência possa oferecer uma descrição completa e final do real, destacando que a divergência teórica muitas vezes se origina justamente dessas limitações

Assim, esse materialismo transcendental aceita o vazio absoluto como a única substância (paradoxal, já que negativa) da realidade. Segundo Žižek, mesmo que fosse possível conhecer todos os detalhes materiais do mundo, isso não permitiria prever todos os eventos futuros, pois esse saber absoluto exclui a consciência, que não se encaixa em nenhuma descrição puramente material. Diante disso, restam duas alternativas: ou a consciência é uma ilusão/epifenômeno, ou a realidade é incompleta. Ser materialista, portanto, significaria assumir sem hesitação as implicações dessa rejeição à realidade objetiva. Ao fazê-lo, o materialista (zizekiano) mina as bases da concepção tradicional de uma subjetividade consistente.

4. Críticas e Problemas na Proposta de Žižek

A nível de definição elementar do materialismo em Marx, podemos nos valer de Bottomore, Dicionário do pensamento marxista (2012), na entrada “filosofia, idealismo e materialismo”: Marx, em sua defesa do materialismo contra o idealismo, exemplificando-o na formulação de sua ciência social: o materialismo histórico; mas mesmo representando um

avanço em relação ao idealismo filosófico, o materialismo filosófico ainda se mantém, em certo grau, idealista, pois fundamenta o pensamento não na realidade material em si, mas na ideia necessária dessa realidade (postulado realista). A resposta filosófica ao ceticismo absoluto assume a forma de ontologia, metafísica ou epistemologia. Em contrapartida, a alternativa não filosófica, que reconhece sua base na realidade material, é a ciência. Para esta, o conhecimento da realidade é possível, mas nenhuma ideia, por mais integrada a um sistema conceitual, pode ser considerada inquestionável. Qualquer ideia, em última instância, precisa ser legitimada cientificamente, ainda que de maneira indireta, por meio de sua adequação à realidade. Nesse contexto, Bottomore entende que Marx não defendeu o fim da filosofia no sentido empirista, isto é, como uma simples substituição da metafísica pela ciência empírica, em vez disso Marx teria argumentado que a filosofia não se concretizava na realidade em si, mas por meio de outra forma de teoria: a ciência, pois dentre todas as formas teóricas, a ciência é aquela que mais se aproxima da realidade e a representa com maior precisão³. Em contrapartida, a filosofia, por sua própria estrutura, sistematicamente distorce mesmo suas intuições mais profundas, porque sua principal preocupação é legitimar conceitualmente todas as demais ideias dentro de seus próprios pressupostos, buscando estabelecer um fundamento a priori e universal para o pensamento. Esse movimento a conduz a oscilar entre um dogmatismo inflexível e um ceticismo radical. A ciência, por outro lado, não necessita da validação filosófica, pois não se baseia apenas na teoria, mas na realidade material. Embora toda teoria se relacione, de algum modo, com o mundo material, apenas a ciência reconhece explicitamente essa relação, o que a torna a única capaz de representar a realidade de maneira adequada. Enquanto outras formas teóricas, como a filosofia, podem apreender aspectos da realidade, o fazem de maneira mistificada devido à sua insistência em justificar-se por meio de estruturas conceituais autossuficientes, em vez de submeter suas proposições ao teste da realidade material.

Por isso, minha posição converge com a de Graham Harman (2021) sobre a filosofia de Žižek, segundo a qual o materialismo de Žižek “não seria considerado materialismo sob qualquer definição anterior do termo” (Harman, 2021, p. 32, tradução nossa). Como vimos, a concepção materialista de Žižek se baseia na afirmação de que tudo é matéria, mas a matéria é não-toda e além da matéria nada existe. No entanto, esse nada não é simplesmente descartado; pelo contrário, toda a ênfase de seu pensamento recai sobre ele. A negatividade é central, assumindo o papel fundamental da paralaxe na compreensão da totalidade do ser - que

³ Curiosamente, entendo que, se Bottomore está correto, Marx estaria pensando algo próximo a Quine (1948) em *On What There Is*: a ontologia, o conjunto de entidades que consideramos existentes, é determinada pelas nossas melhores teorias científicas.

permanece material -, mas, como consequência, o aspecto objetivo da materialidade acaba sendo secundarizado, restando essencialmente uma filosofia sobre o sujeito (o que se agrava mais com a transformação da psicanálise em ontologia). Essa leitura também é compartilhada por Harman, que observa que, embora a paralaxe em Žižek tenha como objetivo atingir o núcleo do objeto, ela ocorre no nível do sujeito.

Harman (2021) compara Žižek a David Hume, que, segundo ele, negava a existência autônoma do objeto ao reduzi-lo a um feixe de qualidades subjetivas; de maneira semelhante, Žižek trata o objeto como um feixe de desejos, pulsões e projeções. Embora ele insista em utilizar o conceito de coisa em si, aquilo que de fato analisa não se situa no domínio do númeno, estando antes muito mais próximo da esfera do sujeito do que do objeto. Como conclui Harman: “não importa o quão alto chamemos isso de ‘materialismo’, isso teria sido conhecido como idealismo imaterialista completo na maioria dos períodos da história da filosofia [...]” (Ibidem, p. 33, tradução nossa). Além disso, a filosofia de Žižek não consegue afastar efetivamente o relativismo. Como Harman aponta em sua concepção, a verdade não é determinada pelo conteúdo das proposições, mas pela posição que elas ocupam (sugerindo que, em vez de a verdade ser uma relação entre uma proposição e a realidade objetiva, ela seria um efeito estrutural da posição da proposição dentro de um sistema discursivo ou simbólico); dessa forma, uma proposição é enunciada como uma verdade, mas não possui verdade inerente. Esse enquadramento deixa sua teoria sem um fundamento sólido para refutar o relativismo, como esta citação de Žižek reforça:

Em sua rejeição do correlacionismo transcendental (a afirmação de que, para pensar a realidade, já deve haver um sujeito para o qual essa realidade apareça), o próprio Meillassoux permanece muito dentro dos limites da oposição kantiano-transcendental entre a realidade da maneira como ela nos parece e o transcendente além da realidade em si, independente de nós; de forma leninista (o Lênin do Materialismo e do Empiriocriticismo), ele então afirma que podemos acessar e pensar a realidade em si. Mas algo se perde nesse próprio campo do dilema transcendental, algo que diz respeito ao próprio cerne da descoberta freudiana (a forma como essa descoberta foi formulada por Lacan): a torção/curvatura inerente que é constitutiva do próprio sujeito. Ou seja, o que Lacan afirma é justamente a discórdia (constitutiva) irreduzível, a não correlação, entre sujeito e realidade: para que o sujeito surja, o impossível objeto-que-é-sujeito deve ser excluído da realidade, pois é sua própria exclusão que abre espaço para o sujeito. O problema não é pensar o real fora da correlação transcendental, independentemente do sujeito; o problema é pensar o Real dentro do sujeito, o núcleo duro do real no próprio coração do sujeito, seu núcleo ex-timo. (Žižek, 2021 p.114, tradução nossa)

Dessa forma, Žižek acredita superar o correlacionismo (a tese de que o cognoscível está restrito ao campo do experienciável) ao postular a existência de algo anterior à própria experiência. Esse elemento fundamental, que precede a divisão entre sujeito e objeto, manifesta-se dentro do sujeito como Real, assumindo a forma de pulsão. O trecho ressalta que,

ao afirmar que podemos pensar a realidade em si, Meillassoux negligencia um aspecto crucial apontado pela descoberta freudiana (reformulada por Lacan): a torção ou curvatura inerente ao sujeito. O autor entende que Lacan defende que o sujeito não emerge como uma entidade pura e transparente, mas justamente a partir de uma exclusão ou negação interna, o que ele descreve como a necessária exclusão do impossível objeto-que-é-sujeito. Essa exclusão, ou discórdia constitutiva, é o que possibilita a emergência do sujeito. Em vez de pensar o Real como algo que existe independentemente da mediação do sujeito (como propõe Meillassoux), a perspectiva lacaniana coloca o núcleo ex-timo do sujeito - ou seja, a essência do real que se manifesta internamente, através de sua própria estrutura contraditória. Dessa forma, o problema não é simplesmente superar a correlação transcendental, mas pensar como o Real se insere no próprio sujeito. Em vez de fundamentar o conhecimento e a existência na realidade material, o real é reduzido a um campo de significações, exclusões e torções internas, características que lembram o domínio do discurso e da construção simbólica. Essa posição não atende aos critérios do materialismo marxista, que exige uma base objetiva, científica e concreta para a compreensão do mundo.

Com essa perspectiva, Žižek (2013) questiona quem, afinal, pode ser considerado materialista na atualidade. Ele distingue duas abordagens: os materialistas discursivos, que interpretam a materialidade como um efeito do discurso (o que não soa como materialismo), e os materialistas científicos, que buscam compreender até mesmo a cultura por meio da evolução biológica. Žižek argumenta que a concepção marxista segundo a qual o materialismo deve ser reformulado a cada revolução científica implicaria que o materialismo tradicional já foi ultrapassado pela mais recente dessas revoluções: a física quântica. Segundo ele, essa transformação deslocou a crença na existência plena de uma realidade externa, tornando inevitável o reconhecimento de sua incompletude ontológica. Além disso, Žižek rejeita a ideia de que o simples reconhecimento de um mundo independente da mente seja suficiente para fundamentar o materialismo, pois, sob esse critério, a maioria dos filósofos poderia ser classificada como materialista. Para ele, materialismo também não significa substituir o espírito por uma substancialização da matéria ou reafirmar a densidade inerte da materialidade.

Mas seu uso da física quântica pode em muito lembrar o que Sokal e Brickmond (2010) denunciavam no seu *Imposturas intelectuais*, como aliás, nota John Gray (2021), que analisa a obra de Žižek e aponta que seu uso de conceitos quânticos é mais retórico do que substancial (além de notar que Žižek utiliza termos como lógica paraconsistente e quântica de forma grandiloquente, sem vincular suas ideias a evidências empíricas ou debates científicos atuais).

Recordemos que Engels (aqui tomado como representante privilegiado da intencionalidade do projeto marxista) pensava em seu Feuerbach (2024) que o progresso científico e filosófico leva a busca de verdades “relativas”, que são acessíveis através das ciências positivas e da compilação de seus achados por meio do raciocínio dialético; o que implica que o materialismo é ajustável ao progresso científico. E depois Engels afirma que os avanços das ciências naturais obrigam a mudança de forma da própria dialética, deixando claro que entendia que a ciência é o motor real do avanço filosófico e não o "pensamento puro" e especulativo⁴. Ou ainda:

O materialismo sintetiza os progressos mais recentes da ciência da natureza, segundo a qual a natureza também tem a sua história no tempo [...] o materialismo é essencialmente dialético e não necessita mais de nenhuma filosofia posicionada acima das demais ciências [...] Depois disso, o que de toda a filosofia pregressa ainda preserva seu caráter independente é a teoria do pensamento e de suas leis- a lógica formal e a dialética. tudo o mais é absorvido pela ciência positiva da natureza e da história (Engels, 2018, p.54).

Žižek, ao contrário de seguir o conselho de Engels, usa o vocabulário da lógica de Hegel sem sequer buscar legitimar sua validade empírica e fazer ajustes com a ciência atual (como teoria de sistemas, complexidade e termodinâmica), como se não fosse necessária não só uma resposta à crítica popperiana (que pensa a dialética como pseudociência), como também a materialistas simpáticos como Mario Bunge (1973), que tenta incorporar a dialética mas observa problemas como de que ela sofre de generalizações vagas (“tudo se transforma”, “as contradições movem o mundo”) incapazes de produzir previsões ou modelos, repletas de slogans metafísicos que não se traduzem em hipóteses testáveis e que não são inferências ou abduções boas de teorias científicas. Bunge (1973) admite que certos motivos dialéticos podem ser preservados se forem reconstruídos cientificamente: interação, emergência, sistemas complexos, não linearidade. Dialética como metáfora heurística pode viver; como filosofia da natureza substitutiva da ciência, não.

Para uma crítica da leitura da física quântica feita pelo autor seria necessário um estudo aprofundado de física. Na falta disso, podemos nos basear no cosmólogo e professor de física Sean M. Carroll (2023), que num debate (em podcast) com Žižek⁵ define campo de Higgs como algo que permeia o espaço e as partículas interagem com ele, ganhando massa nessa interação;

⁴ Entendo o materialismo de Marx e de Engels como estando muito mais próximo do que hoje se chama Naturalismo (em filosofia analítica), algo que desenvolvo em minha tese, por vir. A filosofia é contínua com as ciências naturais (rejeitando uma “filosofia primeira” apriorística) e o compromisso com o realismo científico é critério de demarcação para a existência material.

⁵ Como não sou especialista em física quântica, a referência do debate entre um físico e o próprio Žižek é suficiente: v. ERHARDT, 2023.

mas não há nada inerentemente negativo ou de ausência na função do bóson de Higgs, ele é um componente para a consistência teórica e para explicar as propriedades observadas das partículas. Podemos entender, então, que a interpretação de Žižek é claramente uma alegoria filosófica, não uma descrição científica precisa. Ele usa o bóson de Higgs como um ponto de partida ou uma metáfora para explorar suas ideias sobre o real lacaniano, ainda que essa metáfora seja tomada como se tivesse alguma base ou validade científica direta.

Então podemos sugerir que Žižek repete o mesmo equívoco refutado por Lênin (1982) em seu *O Materialismo e Empirocriticismo* no que diz respeito ao desaparecimento da matéria. Enquanto Lênin esclareceu que a expressão a matéria desaparece não significava o fim ontológico da matéria, mas o desaparecimento dos limites conceituais da matéria tal como a conhecíamos (isto é, as propriedades absolutas e imutáveis da massa clássica), Žižek parece interpretar certos aspectos da física quântica como se eles apontassem para uma dissolução ou desmaterialização do real. Para Lênin, o avanço das ciências naturais (com descobertas revolucionárias em seu tempo como a radioatividade, o elétron e a relatividade da massa) indicava um aprofundamento do conhecimento, onde propriedades anteriormente tidas como fixas se revelavam relativas. Em nenhum momento isso implicava que a matéria, enquanto realidade objetiva, deixasse de existir ou tivesse um núcleo negativo⁶; apenas os limites do nosso conhecimento se expandiam. Embora seja o caso de Žižek afirmar que Lenin ficou para trás com seu realismo ingênuo, não vemos como o seu materialismo consegue ser menos incauto.⁷

Por exemplo, em lógica e ontologia rigorosa, a negação é uma operação lógica ou linguística, não uma entidade física. Tratar o vazio, a falta, como substância é um erro gramatical ou jogo de palavras transformado em metafísica. A consistência do materialismo contemporâneo não depende da premissa de que a realidade empírica seja 'plena' (no sentido de uma substância clássica impenetrável); ela exige, antes, que a realidade seja estruturada e ontologicamente independente da mente e um compromisso forte com a física, ainda que numa

⁶ Também são relevantes outras abordagens, como: “identificadas cerca de duas centenas de partículas constituintes do átomo e de seu núcleo. A materialidade destas partículas, seu caráter objetivo, é uma evidência experimental tão forte que ninguém se atreve a considerá-las como ‘simples conceitos’. A própria descoberta destas partículas tem sido um processo muitas vezes eminentemente empírico.” (FREIRE JR., 2025).

⁷ Diz Rockhill (2013): “É aqui que a orientação nietzschiana desses aristocratas radicais transpõe claramente, porque eles ridicularizam a suposta ignorância dos *hoi polloi* [maioria]. Indo além e contra o materialismo grosseiro, os ‘comunistas do Real’ aspirariam a muito mais do que a simples luta por acesso coletivo a água potável, comida, abrigo, saúde etc. por meio de projetos concretos de construção de Estados anti-imperialistas (tudo isso estaria no domínio do que Lacan chamou de necessidade em oposição a desejo). Os verdadeiros comunistas, no sentido lacaniano, teriam a suprema dignidade subjetiva de exigir individualmente o impossível – não algo que possa ajudar materialmente a melhorar a vida das massas globais aqui e agora”. Logo, a rejeição de Žižek ao materialismo ingênuo pode apontar para seu idealismo sofisticado.

interpretação probabilística e contextual. A 'falta' diagnosticada por Žižek só existe como um artefato epistêmico para alguém que nutria a expectativa nostálgica de encontrar blocos de montar fundamentais. Além disso, versões rigorosas do realismo acerca da mecânica quântica indicam não o vazio da substância, mas que a categoria substância não ajuda at all (cf. Seibt 2025; Ladyman & Ross 2007)⁸. Também surpreende o pouco diálogo do autor com outras ciências naturais, como a neurociência, que permitiria contestar se a subjetividade não é uma "ferida no Real", um "trauma cósmico" (como Žižek gosta de dramatizar) ou é uma adaptação evolutiva útil para primatas lidarem com a complexidade informacional, o que também permitirá Žižek tratar a linguagem/Simbólico como uma ruptura traumática sem precedentes naturais.

Para além de sua interpretação da física quântica, Žižek redefine o conceito de coisa em si de Kant, como já vimos, argumentando que ela não é um objeto transcendente, mas uma parte inerente da realidade fenomenal, identificada com o sujeito transcendental. Ele afirma que a coisa em si é o objeto lacaniano, que representa o aspecto virtual do sujeito e funciona como causa do desejo, com uma existência paradoxal: "o objeto a, não tem realidade objetual positiva, sua condição é puramente a condição da consistência lógica: ele é logicamente implícito, pressuposto, como a causa das inconsistências do/no grande Outro." (Žižek, 2013, p.374).

O grande outro é a linguagem, portanto esse objeto não é real em sentido materialista (i.e. independente do sujeito). Então, ao identificar a coisa em si com o sujeito, Žižek acaba por subsumir a realidade objetiva à subjetividade, reforçando uma forma de idealismo. Essa abordagem ignora a distinção fundamental entre sujeito e objeto, essencial para qualquer forma de materialismo. Ao fazer da coisa em si um aspecto do sujeito, Žižek falha em estabelecer uma base sólida para a realidade independente do pensamento humano. Žižek, seguindo Lacan, prioriza o registro simbólico (a linguagem, a cultura) e o imaginário (identificações e ilusões) como estruturantes da realidade. Mesmo quando fala do Real (o inapreensível, o traumático), ele o define como uma falha no Simbólico, não como matéria concreta. Portanto, ao reduzir o Real a uma negatividade (uma ausência que perturba o Simbólico), Žižek desvia-se da noção materialista clássica de matéria como substância física e objetiva.

⁸ Entendo que o autor ganharia em dialogar com debates em filosofia da física sobre negação da tese da determinação no nível fundamental da realidade. Por exemplo, para preservar a agência sem inflacionar o registro Simbólico ou postular um 'vazio' no Real, uma alternativa analítica rigorosa encontra-se na crítica à determinacy de Carl Hoefer (2002) em *Freedom from the Inside Out*. Hoefer argumenta que o determinismo físico (como a evolução de equações no bloco espaço-temporal) não equivale a uma determinacy metafísica. Nesse sentido, não precisamos comprar a tese de que vaguidade ontica deve estar fora do nosso entendimento da física e que devemos operar apenas com bivalência.

Se o Real é, por um lado, uma dimensão que resiste à simbolização, mas, por outro, é internalizado no sujeito como uma falta ou trauma então sua objetividade e independência são questionáveis. Essa ambiguidade sugere que o Real de Žižek pode ser mais uma construção teórica do que uma realidade objetiva, reforçando o construtivismo que ele pretende criticar. O Real lacaniano é um conceito (no mínimo) não-materialista, pois não corresponde a entidades materiais, mas a um vazio que só existe em relação ao sujeito. Isso reforça a acusação de que seu materialismo é uma metáfora, não uma ontologia. Žižek argumenta que a fantasia é uma estrutura transcendental que constitui a realidade: “A fantasia opera a mediação entre a estrutura simbólica formal e a positividade dos objetos que encontramos na realidade; ela fornece o 'esquema' segundo o qual certos objetos positivos da realidade podem funcionar como objetos de desejo” (Žižek, 2008, p. 61–62)., No entanto, defende que também é uma forma de ilusão que distorce nossa percepção do Real. Ele sugere que a fantasia é necessária para a constituição da realidade, mas que deve ser atravessada para que possamos acessar o Real. Se a fantasia é constitutiva da realidade, então como podemos ter acesso a uma realidade independente dela? Ele entende que não temos, o deserto do Real é puro caos, pura lacuna. Essa tensão sugere que Žižek não consegue escapar de uma forma de construtivismo, onde a realidade é sempre mediada por estruturas subjetivas e simbólicas.

Ao identificar a coisa em si kantiana (um conceito metafísico ou epistêmico sobre o inacessível) com o objeto a lacaniano (uma falta estruturante do desejo), ele ignora a incompatibilidade entre os dois conceitos. Kant fala de um limite epistemológico, enquanto Lacan descreve um núcleo psíquico. A fusão dos termos parece um salto arbitrário, não uma mediação dialética, pois o Real lacaniano é definido como um vazio traumático, não como matéria física. A conexão entre os termos é poética, não lógica. Žižek trata ambos os conceitos como intercambiáveis, criando uma ambiguidade que permite concluir o que as premissas originais não sustentam. Sugerimos que Žižek pressupõe o que deveria provar ao vincular realidade e subjetividade: afirma que a realidade é constituída pelo sujeito, mas define o sujeito como um efeito do Real (a materialidade traumática). Isso cria uma circularidade: o sujeito constitui a realidade, que, por sua vez, constitui o sujeito. A circularidade impede que ele fundamente a primazia da matéria, já que sujeito e objeto são mutuamente dependentes em seu modelo. Ao negar a coisa em si como uma realidade independente, Žižek evita enfrentar o desafio de explicar como podemos ter acesso a uma realidade que existe independentemente do sujeito. Essa negação pode ser vista como uma estratégia evasiva que lhe permite manter sua posição subjetivista sem ter que lidar com as implicações de um realismo genuíno.

Žižek utiliza o conceito de paralaxe para explicar a relação entre sujeito e objeto, argumentando que a mudança na perspectiva do sujeito revela uma divisão interna no próprio objeto. Ele sugere que a realidade é estruturada por essa dialética da paralaxe, onde sujeito e objeto são mutuamente constitutivos. Mas a abordagem de Žižek da paralaxe, embora interessante, não consegue escapar da subjetividade. Ao enfatizar a mudança de perspectiva do sujeito como determinante da realidade, ele reforça a ideia de que a realidade é sempre percebida e constituída a partir de um ponto de vista particular. Isso o mantém preso a uma forma de relativismo, onde a objetividade é sempre mediada pela subjetividade.

para consolidar tais sugestões contrárias ao autor, podemos ver que Johnston (2023) aponta com precisão: que a ligação de Žižek com a filosofia da natureza de Schelling o leva a um idealismo disfarçado de materialismo, pois Schelling não trata a matéria como algo objetivo e independente, mas como a manifestação de uma subjetividade cósmica, um eco do natura naturans spinozista. Ainda mais, ele confirma a nossa leitura acerca da repetição do erro apontado por Lenin, como afirma Johnston (2023): “[Žižek acerca de] o materialismo e o empiriocriticismo de Lenin, de 1908, celebra uma versão quântica de desaparecimento da matéria já anunciado por Schelling em torno de 1790” (p.33, tradução nossa).

Se Žižek tentasse se defender dessa acusação de petição de princípio, ele provavelmente alegaria que sua indução não parte de uma premissa arbitrária, mas que há evidências empíricas e conceituais para sustentar a primazia da negatividade. Essas evidências viriam de três domínios principais: A) a estrutura social seria marcada por antagonismos e lacunas constitutivas (exemplo: a luta de classes, a ideologia como forma de mascarar a contradição); B) a psique (o sujeito seria fundado por uma falta primordial, como pensado na psicanálise lacaniana, ou, também expresso como o desejo como falta fundamental); C) a física quântica (o bóson de Higgs seria um exemplo de como a realidade física emerge a partir de algo menor que nada, demonstrando que a positividade depende de uma estrutura negativa).

Por que tais supostas evidências ainda não resolvem o problema? Mesmo que Žižek tente fundamentar sua tese com indução empírica, os problemas lógicos permanecem: o fato (se for provado) de que há antagonismos na sociedade, falta na psique e fenômenos quânticos que desafiam a intuição não significa que a negatividade seja ontologicamente primária. O materialismo pode reconhecer contradições na realidade sem concluir que a negatividade é a substância última do ser (em geral). A existência de contradições na sociedade, na subjetividade e na física pode ser explicada sem assumir que a negatividade precede a positividade.

Considerações finais:

Vimos que Žižek defende um materialismo que rejeita a noção dita ingênua de matéria como substância passiva, mas sua alternativa (uma matéria auto-negativa) é tão abstrata que se assemelha a um idealismo invertido. Se a matéria žižekiana é definida apenas como processo de contradição e negatividade, (inspirado em Hegel), ela perde qualquer conexão com a materialidade concreta. Como apontado por críticos realistas, essa abordagem substitui a matéria por uma dinâmica idealizada de negação, esvaziando o materialismo de seu conteúdo. As críticas adicionais revelam que o projeto de Žižek esbarra em um paradoxo central: ele quer ser materialista sem abandonar os pressupostos idealistas de sua estrutura teórica (Lacan, Hegel, Kant).

Entendemos, pois, que Žižek tende a reificar a subjetividade, tratando-a como uma entidade objetiva ou até mesmo como uma força material, e a transição de uma análise da subjetividade como estrutura simbólica para uma entidade material é feita sem uma explicação clara de como essa transformação ocorre, resultando em um salto lógico. O resultado é um materialismo performativo, que fala em matéria e realidade independente, mas as redefine de modo a mantê-las presas ao sujeito e ao simbólico. Para seus críticos mais severos, como Adrian Johnston, Žižek não consegue escapar do idealismo transcendental porque sua noção de materialismo é, em última instância, uma fantasia filosófica (brilhante, mas inconsistente com o que o materialismo tradicionalmente reivindica), um materialismo frágil. Apesar de sua crítica ferrenha ao construtivismo, as abordagens de Slavoj Žižek frequentemente o colocam em uma posição paradoxal, onde ele próprio pode ser visto como um tipo de construtivista. Embora de uma forma distinta e crítica, suas próprias teorias acabam por destacar a importância das estruturas simbólicas e subjetivas na constituição da realidade, colocando-o em uma posição que, apesar de suas intenções, compartilha algumas características com o construtivismo que ele tanto critica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.

BUNGE, M. (1973). How do Realism, Materialism and Dialectics fare in Contemporary Science?. In: *Method, Model and Matter*. Synthese Library, vol 44. Springer, Dordrecht. https://doi.org/10.1007/978-94-010-2519-5_10.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. Boitempo. São paulo. 2024.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ERHARDT, Robinson. “Slavoj Žižek & Sean Carroll: Quantum Physics, the Multiverse, and Time Travel” | RP #118 [video]. YouTube, 2023. 2:10:21. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=735mYcl3Lrg>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FREIRE JR., Olival. “A atualidade de Materialismo e Empiriocriticismo 75 anos depois de sua publicação”. Fundação Maurício Grabois, 4 fev. 2015. Disponível em: <https://grabois.org.br/2015/02/04/a-atualidade-de-materialismo-e-empiriocriticismo-75-anos-depois-de-sua-publicacao/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GRAY, John. *As visões violentas de Slavoj Žižek*. Fronteiras do Pensamento, abr. 2021. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/as-visoes-violentas-de-slavoj-i-ek>. Acesso em: 12 fev. 2025.

HARMAN, Graham. Žižek’s Parallax, or The Inherent Stupidity of All Philosophical Positions. In: Slavoj Žižek; Adrian Johnston (org.). *Parallax: The Dialectics of Mind and World*. London: Bloomsbury, 2021. p. 27–39.

HOEFER, Carl. *Freedom from the inside out*. Royal Institute of Philosophy Supplements, v. 50, p. 201-222, 2002.

JOHNSTON, Adrian (2018). *A New German Idealism: Hegel, Žižek, and Dialectical Materialism*. New York. Columbia University Press. 2018.

JOHNSTON, Adrian. "Cake or Doughnut? Žižek and German Idealist Emergentisms." In: FINKELDE, Dominik; MCGOWAN, Todd (ed.). *Žižek Responds!*. London: Bloomsbury Academic, 2023.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Vozes, 2015.

LACAN. *O seminário, livro XIX*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972). 2012

LACAN. “Para além do Princípio de realidade”. Em *Escritos* (R. Vera, Trad., pp.77-95). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Original publicado em 1936). 1998.

LADYMAN, James; ROSS, Don. *Every Thing Must Go: Metaphysics Naturalized*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LÊNIN, V. I. *Materialismo e Empiriocriticismo*. Lisboa: Edições Avante, 1982.

LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. Trad. Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 230 p.

LUKÁCS, György. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Editora livraria de ciências humanas, 1979.

MARX, Karl. *Capital*. v. 1. New York: Vintage, 1976.

QUADFLIEG, D. Parallaxic Entanglement. “On the Subject-Object-Relation in New Materialism and Adorno’s Critical Ontology”. In: Dominik Finkelde, Slavoj Žižek, Christoph Menke (Ed.): *Parallax The Dialectics of Mind and World*. London: BLOOMSBURY, 2021. p. 15–26.

QUINE, W.V. (1948) “On What There Is”, *Review of Metaphysics*, 2(5), 21-38. 1948.

ROCKHILL, Gabriel. “Slavoj Žižek, o bobo da corte do capitalismo neoliberal”. *A Terra é Redonda*, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/slavoj-zizek-o-bobo-da-corte-do-capitalismo-neoliberal/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Carroll, (2023) em: ROBINSON ERHARDT. “Slavoj Žižek & Sean Carroll: Quantum Physics, the Multiverse, and Time Travel” | RP #118. YouTube, 23 jul. 2023. 1 vídeo (1h 48min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=735mYcl3Lrg&t=2452s>. Acesso em: 21 mar. 2026.

SEIBT, Johanna, "Process Philosophy", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2025 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/>>.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ŽIŽEK, S. (2008). *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo. 2008.

ŽIŽEK, S. (2013). *Menos que Nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*. São Paulo: Boitempo. 2013.

ŽIŽEK, S. (2016). *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*; tradução Luigi Bacichello. SP Boitempo. 2016.

ŽIŽEK, S. (2019). *A coragem da desesperança: crônicas de um ano em que agimos perigosamente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ŽIŽEK, S. (2020). *Sex and the Failed Absolute*. London: BLOOMSBURY, 2020a.

ŽIŽEK, Slavoj. “Is Abstract Labor Universal?”. *The Philosophical Salon*”, 17 fev. 2020b. Disponível em: <https://thephilosophicalsalon.larbpublishingworkshop.org/is-abstract-labor-universal/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ŽIŽEK, S. (2021). “The Parallax of Ontology: reality and its transcendental supplement”. In: Dominik Finkelde, Slavoj Žižek, Christoph Menke (Ed.): *Parallax The Dialectics of Mind and World*. London: BLOOMSBURY, 2021.